

TODOS OS OLHOS VOLTADOS À ANTÁRTICA

CUMPRINDO O MANDATO DE CONSERVAÇÃO DA CCAMLR



UM RELATÓRIO DOS
DEFENSORES DA ANTÁRTICA

“

Os arrastões chegaram à Antártica, e vieram atrás do krill. Com tão poucos peixes restantes no oceano, agora buscamos novas presas nos cantos mais remotos do planeta. Essas embarcações são verdadeiras fábricas flutuantes. Elas sugam centenas de milhares de toneladas de krill em redes imensas, para depois fervê-los e processá-los a bordo – seja para alimentar peixes de cativeiro, produzir suplementos alimentares ou, mais recentemente, ração para animais de estimação. Como a vida selvagem pode competir com isso?

DAVID ATTENBOROUGH
OCEAN, 2025

Alguns dizem que essa prática é sustentável, mas talvez estejamos eliminando a base de todo um ecossistema.

SUMÁRIO

Visão Geral	02	Deixem nossas baleias em paz! por Lord Fakafanua	20
Prefácio por Sylvia Earle	04	Monitoramento das Baleias	22
Antártica: um bem comum global sob ameaça	06	O mandato da CCAMLR para a conservação do Oceano Antártico	24
A exploração histórica do Oceano Antártico	08	A CCAMLR está cumprindo seu mandato?	26
Krill: uma espécie crítica para a vida selvagem e a estabilidade climática	10	Proposta de AMP na Península Antártica (Domínio 1)	28
A indústria destrutiva da pesca de krill	12	Um impasse na CCAMLR	30
O impacto da pesca de krill sobre 14 as baleias por Dra. Lucía Morillo	14	Recolocando a CCAMLR no caminho certo	32
Um planeta saudável depende 16 de um Oceano Antártico saudável	16	Ação: nossas recomendações	34
		Assinaturas	36

VISÃO GERAL

Diante do fracasso contínuo da Comissão para a Conservação dos Recursos Marinhos Vivos da Antártica (CCAMLR) em proteger a vida marinha e os ecossistemas das águas que cercam a Antártica, o fechamento total do Oceano Antártico à pesca de krill tornou-se agora uma necessidade inquestionável. A vida no Oceano Antártico existe em um equilíbrio frágil, agora ameaçado pela exploração desenfreada do krill. Este relatório apresenta os argumentos científicos e legais que sustentam essa necessidade de fechamento.

O krill é a espécie sobre a qual todo o ecossistema do Oceano Antártico depende. As consequências da extração insustentável do krill são alarmantes: sem o krill como fonte de alimento, a vida selvagem que habita a Antártica morrerá de fome e as populações de baleias ao redor do mundo sofrerão; sem o krill como sumidouro de carbono, a crise climática global se acelerará de forma perigosa e imprevisível.

Essa exploração ocorre em meio a múltiplas crises planetárias e sem consideração pelo papel crítico que o Oceano Antártico desempenha na

regulação do sistema climático global e da bomba biológica do oceano. Agravando ainda mais a situação, o órgão regulador encarregado de estabelecer medidas de conservação para o Oceano Antártico — a CCAMLR — tem sido completamente ineficaz na última década.

O oceano possui uma incrível capacidade de se regenerar, desde que medidas sejam adotadas para fortalecer sua resiliência. Isso inclui a criação de áreas protegidas, onde os ecossistemas e espécies possam prosperar novamente. Precisamos agir agora

para proteger o Oceano Antártico — o destino da vida selvagem da Antártica e a saúde do oceano global dependem dos próximos passos que tomarmos.

Estamos convocando a comunidade internacional a reverter esse curso de declínio e restituir à CCAMLR seu papel de guardião do Oceano Antártico, por meio das seguintes ações:



01

FECHAR O OCEANO ANTÁRTICO À PESCA DE KRILL

para proteger a vida selvagem da Antártica, salvaguardar os ecossistemas e a estabilidade climática global.

◀ FOTO © ANDY MANN



02

ESTABELECEMOS A ÁREA MARINHA PROTEGIDA (AMP) DA PENÍNSULA ANTÁRTICA

removendo as pescarias de krill em seu interior como primeiro passo mínimo em direção a uma rede ecologicamente representativa de AMPs no Oceano Antártico.

03

REFORMAR A CCAMLR

para garantir a implementação de seu mandato de conservação da vida selvagem antártica.

04

ASSEGARAR A PROTEÇÃO DE AO MENOS 30% DAS ÁGUAS DA ANTÁRTICA

como contribuição dos países da CCAMLR à meta 30x30 do Marco Global de Biodiversidade de Kunming-Montreal.

PREFÁCIO POR DRA. SYLVIA EARLE

QUEM ESTÁ PROTEGENDO O OCEANO ANTÁRTICO?

Brilhando de forma intensamente branca, a Antártica — o continente mais alto, seco, frio, ventoso e menos explorado da Terra — apareceu pela janela do avião C-130 que me levava, junto a um grupo de cientistas, à estação de pesquisa dos EUA em McMurdo Sound, no ano de 1990. Era minha primeira visão do continente congelado, e também minhas primeiras atribuições como Cientista-Chefe da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA). Eu estava ansiosa não apenas para observar a natureza dessa vasta massa de terra coberta de gelo, mas também para conhecer as pesquisas em andamento no oceano ao redor e quais ações estavam sendo tomadas para proteger essa região vasta, porém vulnerável.

Já em 2023, numa expedição à Antártica, fiquei estarelecida ao ver cachoeiras descendo por encostas verdes, filhotes de pinguins tremendo em águas lamacentas e, incredivelmente, um arco-íris. Na Antártica? O clima está mudando em escala global, mas é impactante testemunhar, em tempo real, o derretimento de gelo que esteve congelado por milhares de anos.

Soluções baseadas na natureza — como proteger e restaurar ecossistemas vivos intactos para estabilizar o clima — são fundamentais para manter condições favoráveis à vida humana. A meta de proteger pelo menos 30% das terras e mares até 2030 é ambiciosa, mas representa um marco essencial para a segurança planetária. A proteção das regiões polares é particularmente importante, dado seu papel amplificado na regulação do clima e das condições meteorológicas da Terra.

Em 1959, as nações se uniram e assinaram um tratado garantindo o uso pacífico de todo o continente antártico, mas o tratado não contemplou os mares ao redor, onde as interações humanas com a vida selvagem têm sido tudo, menos pacíficas. No entanto, dois séculos de matança comercial de focas, leões-marinhos, aves, baleias, peixes endêmicos e uma espécie de krill, a *Euphausia superba*, acabaram por levar à adoção de medidas de proteção em 1982. Nesse ano entrou em vigor a Convenção para a Conservação dos

Recursos Marinhos Vivos da Antártica (CCAMLR), com o mandato de preservar a vida marinha e a integridade ambiental dentro e ao redor da Antártica.

O Oceano Antártico, definido como as águas ao sul da latitude 60°, é tecnicamente um bem comum global, sem dono, mas com benefícios para todos. Nele, poucas empresas de poucos países estão atualmente autorizadas — de forma paradoxal — pela CCAMLR a extrair milhares de toneladas de krill com base na crença, sem evidências, de que esse nível de extração é “sustentável”.

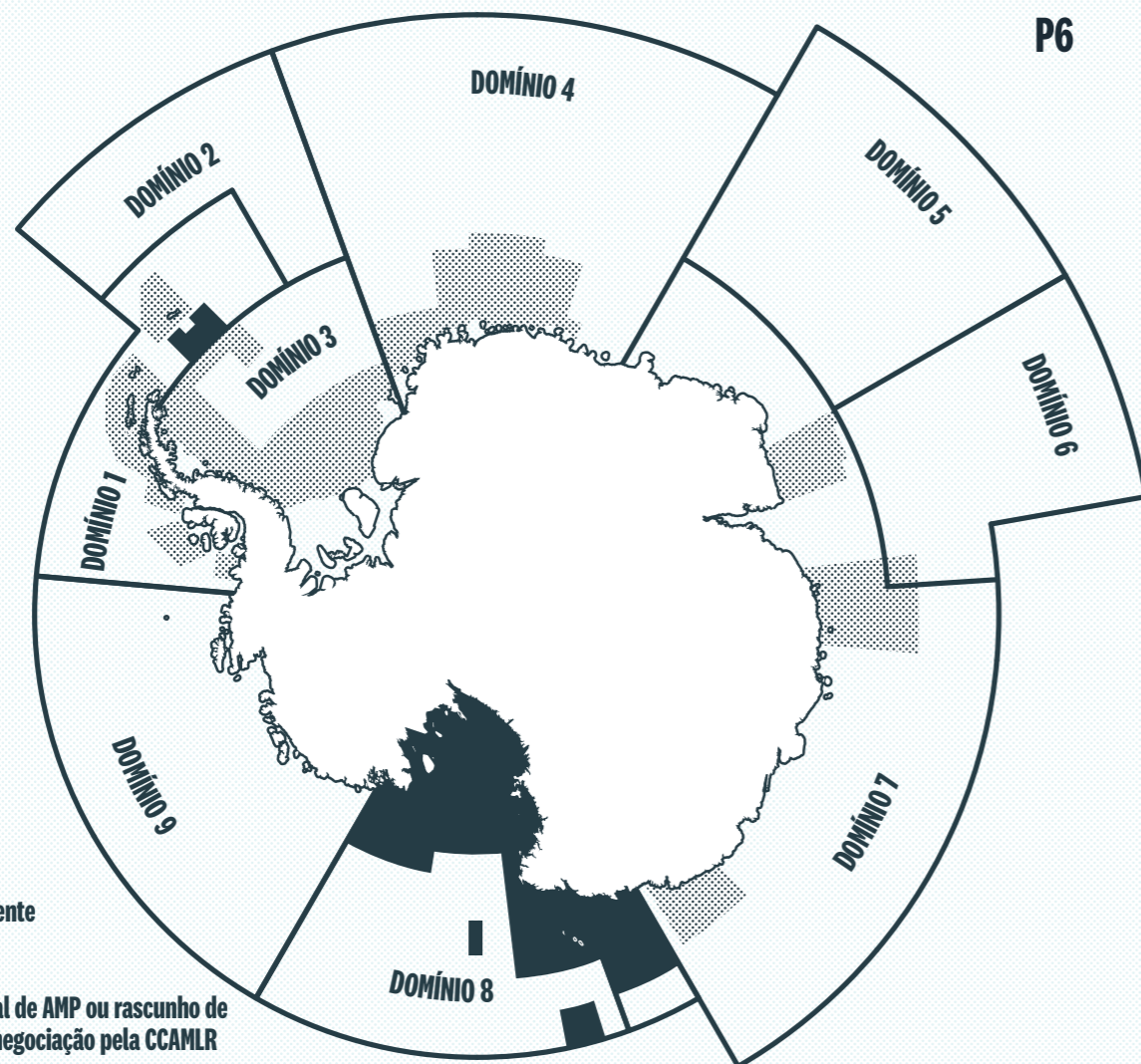
Mas as evidências são claras: a matança industrial da vida selvagem, terrestre e aquática, já reduziu em cerca de metade a malha viva da Terra, interrompendo processos planetários que moldam a habitabilidade do planeta — inclusive o clima — por meio de impactos diretos e indiretos na captura e liberação de carbono para a atmosfera. Seja com o desmatamento de florestas antigas na Amazônia, a dizimação de tubarões, lulas e atuns em alto-mar, ou a pesca de krill na Antártica — em poucas décadas destruímos os sistemas vivos que sustentam a habitabilidade da Terra.

No Oceano Antártico, por oito anos consecutivos, a CCAMLR — embora encarregada de proteger a vida marinha e os ecossistemas da região — falhou em impedir a exploração do krill. A Comissão permaneceu inerte, permitindo que alguns países aumentassem a pilhagem

do Oceano Antártico, permitindo que a principal fonte de alimento de baleias, focas, aves, peixes e muitos outros animais fosse transformada em óleo, cosméticos e ração para salmões de cativeiro.

É hora de fechar o Oceano Antártico à extração de todas as formas de vida selvagem, de uma vez por todas — tratando a vida marinha com o respeito, a dignidade e o cuidado compatíveis com as atitudes do século XXI em relação às baleias, focas e pinguins.

Parabéns aos autores deste relatório por seus insights, sua eloquência e seus claros chamados à ação. Ainda temos tempo — mas não muito — para escutar, repensar e reformular as políticas que moldam nosso comportamento em relação ao Oceano Antártico e ao mundo selvagem além dele. Baleias, aves, peixes, krill — e os seres humanos — certamente agradecerão.



Área AMP da CCAMLR existente

Proposta atual de AMP ou rascunho de cenários em negociação pela CCAMLR

ANTÁRTICA: UM BEM COMUM GLOBAL SOB AMEAÇA

A Convenção para a Conservação dos Recursos Marinhos Vivos da Antártica (CCAMLR) é “responsável por conservar e gerir todo o ecossistema do Oceano Antártico”. Houve um tempo em que a organização cumpria esse papel. Ela dava voz às águas que cercam um continente sem dono, uma terra repleta de vida, mas sem representação firme.

Desde sua criação, a CCAMLR estabeleceu duas áreas marinhas protegidas (AMPs): uma próxima às Ilhas Órcades do Sul, em 2009, e outra no Mar de Ross, em 2016. Essas áreas protegidas foram um avanço importante para a proteção da vida selvagem antártica e demonstraram o poder do multilateralismo em alcançar metas de conservação. No entanto, nos últimos oito anos, as ações para proteger os ecossistemas da Antártica estagnaram dentro da CCAMLR. Ao mesmo tempo, os interesses pesqueiros cresceram rapidamente, com taxas de exploração em forte expansão nos últimos anos. A ausência de ação conservacionista está colocando em risco a saúde dos ecossistemas e da fauna da Antártica, já severamente impactados pelos efeitos cumulativos da crise climática.

Essa dinâmica tem sido especialmente prejudicial para uma espécie sobre a qual repousa todo o ecossistema: um pequeno crustáceo chamado krill. O krill é o principal alimento da maioria das espécies da região, desde pinguins até baleias-azuis. Além disso, como parte de seu ciclo de vida, o krill atua como um importante sumidouro de carbono, contribuindo para a resiliência climática global. Essa espécie é essencial para o funcionamento saudável dos sistemas planetários da Terra. Ainda assim, a

extração insustentável de krill continua crescendo. A contínua remoção dessa espécie-chave do Oceano Antártico comprometerá o ecossistema da Antártica e agravará ainda mais um sistema climático global já instável.

E para quê? O krill é extraído para benefício de algumas poucas empresas em alguns poucos países, sendo usado na ração de peixes em cativeiro, na fabricação de ração para animais de estimação e na produção de suplementos de óleo de krill – serviços não essenciais, a um custo ambiental altíssimo para todos.

Essa extração insustentável continua sob a cobertura de um sistema político quebrado. Barreiras políticas têm impedido, há anos, que a CCAMLR avance em compromissos ou soluções de compromisso. O progresso conservacionista não apenas estagnou

— está regredindo. Na reunião mais recente da CCAMLR, em 2024, as regulamentações específicas por área sobre os limites de captura de krill foram removidas devido à falta de consenso entre os 27 Estados-membros. Essas regulamentações tinham o objetivo de dispersar a atividade pesqueira e evitar a concentração em áreas de alta biodiversidade. No entanto, o resultado da CCAMLR em 2024 permitiu que alguns países pesqueiros capturassem toda a cota de krill nas áreas onde ele está mais concentrado. Essas áreas são as principais zonas de alimentação de predadores do krill e espécies dependentes, como pinguins, baleias e focas. Na prática, esse desfecho autorizou a intensificação da exploração de krill em pontos estratégicos da biodiversidade das águas antárticas, colocando toda a vida selvagem da Antártica sob grave risco.

Este relatório analisa essas dinâmicas, examina os perigos enfrentados pelas populações de krill e pelo ecossistema do Oceano Antártico e mostra como as mudanças climáticas intensificam esses impactos. O relatório demonstra que a CCAMLR está falhando em sua missão principal: proteger o frágil ecossistema do Oceano Antártico, justamente quando a ação nunca foi tão urgente.

A EXPLORAÇÃO HISTÓRICA DO OCEANO ANTÁRTICO

O Oceano Antártico conecta as bacias oceânicas do Pacífico, Índico e Atlântico, permitindo a distribuição global de calor, gases dissolvidos e nutrientes, e é vital para impulsionar a circulação oceânica global e regular o clima.¹ O Oceano Antártico absorve calor e carbono da atmosfera em grande escala e fornece nutrientes essenciais para sustentar a biodiversidade marinha.²

Ainda assim, durante séculos, a vida selvagem que compõe esse ecossistema complexo e único tem sido excessivamente explorada, caçada e pescada em excesso por humanos. Essa exploração histórica levou à redução de espécies emblemáticas como as grandes baleias, os pinguins e as focas. Quando as populações dessas espécies caem drasticamente, a diversidade genética diminui — o que torna essas populações mais vulneráveis a mudanças no

ambiente e a ameaças externas, como doenças, variações na disponibilidade de presas e os impactos de estressores como a mudança climática. Apesar de esforços globais significativos para restaurar as populações de baleias e outras espécies antárticas, muitas ainda permanecem em estado frágil. O legado da superexploração significa que essas espécies ainda estão em processo de recuperação — e continuam extremamente vulneráveis.



DEFENSORES DA ANTÁRTICA

A foca-antarctica foi a primeira espécie a ser explorada no ecossistema do Oceano Antártico. A partir do final do século XVIII, a caça intensiva quase levou a espécie à extinção na região até meados do século XIX.³

Em seguida, vieram a perseguição e a exploração das baleias, com a chegada de embarcações industriais no século XX. Estima-se que 2 milhões de grandes baleias foram capturadas entre 1904 e os anos 1960, reduzindo suas populações em mais de

65%

As populações de baleia-azul antártica caíram de cerca de 256.000 indivíduos nos anos 1920 para apenas 395 na década de 1970.⁵

Até hoje, a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) classifica a espécie como “Em Perigo Crítico”.

TODOS OS OLHOS VOLTADOS À ANTÁRTICA
Cumprindo o mandato de conservação da CCAMLR

With the arrival of commercial fisheries, several fish species were decimated during the 1960s and 1970s, including the marbled rock cod. Despite over 25 years of protection, their populations remain only a fraction of pre-fishing levels.⁶

Essa recuperação lenta é típica de espécies adaptadas ao frio extremo: são animais de vida longa e crescimento lento, que exigem muito mais tempo para se recuperar, o que evidencia sua vulnerabilidade inerente.

Hoje, o declínio significativo de colônias de pinguins na Antártica tem sido atribuído ao impacto das pescas de krill e ao recuo do gelo marinho provocado pelas mudanças climáticas.

Nos últimos 30 anos, em algumas partes da Antártica, as populações de pinguins-de-adélia e de barbicha caíram mais de

50%

e, em algumas áreas, até

68%

Da mesma forma, nos últimos 15 anos, a única população reprodutiva de focas-antárticas ao sul da Frente Polar Antártica sofreu um colapso populacional catastrófico de

91%

Na Geórgia do Sul, um reduto global de colônias de focas-antárticas, mudanças climáticas afetaram a longevidade das fêmeas, a sobrevivência de jovens e adultos, a fecundidade e o peso dos filhotes ao nascer, entre outros impactos.¹¹

As consequências da exploração da vida selvagem no Oceano Antártico reverberam por todo o ecossistema anos depois. As cadeias tróficas na região são particularmente curtas e diretas, o que significa que a redução ou perda de uma espécie gera consequências rápidas e graves para toda a teia alimentar. A fragilidade do ecossistema é ainda mais agravada pelas mudanças climáticas, demonstrando os impactos devastadores de longo prazo da exploração regional da vida marinha.

FOTO @ SEASHEPHERD GLOBAL

1. Marshall, J. & Speer, K. (2012). Closure of the meridional overturning circulation through Southern Ocean upwelling. *Nat. Geosci.* 5, 171–180.
2. Rintoul, S., Sparrow, M., Meredith, M et al. (2012). The Southern Ocean observing system: Initial science and implementation strategy.
3. Laws RM. 1977. Seals and whales of the Southern Ocean. *Philosophical Transactions of the Royal Society B* 279: 81-96.
4. Laws RM. 1977. Seals and whales of the Southern Ocean. *Philosophical Transactions of the Royal Society B* 279: 81-96.
5. Clapham PJ, Baker CS. 2002. Modern whaling. *Encyclopaedia of Marine Mammals*. Pages 1328-1332
6. Branch, T. (2008) Current status of Antarctic blue whales based on Bayesian modeling.
7. Agnew DJ, Nichol S. (1996). *Marine Disturbances - Commercial fishing*.
8. Bestley, S. Robert-Coudert, Y. Bengtson, N et al. (2020) Marine ecosystem assessment for the Southern Ocean: birds and marine mammals in a changing climate.
9. Trivelpiece, W. Z., Hinke, J. T., Miller, A. K. et al. (2011). Variability in krill biomass links harvesting and climate warming to penguin population changes in Antarctica.
10. Dunn MJ, Jackson JA, Adlard S, et al. (2016) Population Size and Decadal Trends of Three Penguin Species Nesting at Signy Island, South Orkney Islands.
11. Forcada, J., and Hoffman, J. I. (2014). Climate change selects for heterozygosity in a declining fur seal population. *Nature* 511, 462–465.

UMA ESPÉCIE FUNDAMENTAL PARA A VIDA SELVAGEM E A ESTABILIDADE CLIMÁTICA

Os krills antárticos são crustáceos oceânicos que podem atingir até 65 mm de comprimento e formar grandes cardumes. Esses crustáceos são essenciais para sustentar a biodiversidade regional: o krill pode representar entre 70% e 96% das calorias consumidas por aves marinhas e mamíferos marinhos, incluindo pinguins, baleias, focas, lobos-marinhos e outras espécies selvagens.

O krill também contribui para o sequestro de carbono nas profundezas do oceano, transforma nutrientes essenciais e estimula a produtividade primária.¹³

Estima-se que o krill nas áreas da Península Antártica e do Mar de Scotia armazene aproximadamente

23 megatoneladas de carbono por ano — carbono esse que permanece por pelo menos 100 anos no oceano profundo.¹⁴

A redução da cobertura de gelo marinho no inverno, impulsionada pelas mudanças climáticas, tem impacto direto nas populações de krill, que se alimentam de algas que vivem na parte inferior do gelo.¹⁵ Algumas projeções indicam que, até o ano 2100, a biomassa atual de krill antártico pode sofrer uma redução entre 50% e uma possível extinção.¹⁶

A retração do gelo marinho também favorece o crescimento de salpas — organismos filtradores (tunicados) que se proliferam em florescimentos extensos durante primaveras mais quentes, competindo com o krill por alimento. Isso pode certamente provocar o colapso completo do sistema alimentar antártico como o conhecemos.

Além disso, a abundância de krill (e a extensão do gelo marinho) influencia

diretamente o número de gestações de baleias-jubarte, que se alimentam de krill para acumular gordura essencial durante a gravidez. Alguns cientistas já documentaram que as populações de baleias-jubarte são limitadas pela disponibilidade de krill.¹⁷

A tendência de aquecimento prolongado na região também terá efeitos profundos sobre a dominância das populações de krill e salpas — e, por consequência,

os predadores dependentes do krill e o destino do carbono recentemente fixado.^{18,19,20}

As chances estão contra o krill, mas manter populações saudáveis dessa espécie é fundamental para continuar sustentando a vida selvagem da Antártica. Medidas urgentes devem ser tomadas para preservar essa espécie vital.

12. Nowacek, D.P., Friedlaender, A.S., Halpin, P.N., et al. (2011). Super-aggregations of krill and humpback whales in Wilhelmina bay, Antarctic Peninsula.

13. Cavan, E.L., Belcher, A., Atkinson, A., et al. (2019). The importance of Antarctic krill in biogeochemical cycles. *Nat Commun* 10, 4742.

14. WWF Australia (2022) Antarctic Krill: Powerhouse of the Southern Ocean Australia.

15. Atkinson, A., Siegel, V., Pakhomov, E. and Rothery, P. (2004).

Long-term decline in krill stock and increase in salps within the Southern Ocean. *Nature*, 432(7013), pp.100–103.

16. Testa, G., Neira, S., Giesecke, R. and Piñones, A. (2022). Projecting environmental and krill fishery impacts on the Antarctic Peninsula food web in 2100. *Progress in Oceanography*, [online] 206, p.102862.

17. Pallin, L.J., Kellar, N.M., Steel, et al. (2023). A surplus no more? Variation in krill availability impacts reproductive rates of Antarctic baleen whales.

18. Loeb, V., Siegel, V., Holm-Hansen, O., et al. (1997). Effects of sea-ice extent and krill or salp dominance on the Antarctic food web.

19. Atkinson, A., Siegel, V., Pakhomov, E. and Rothery, P. (2004). Long-term decline in krill stock and increase in salps within the Southern Ocean.

20. Plum, C., Hillebrand, H. & Moorthi, S. (2020). Krill vs salps: dominance shift from krill to salps is associated with higher dissolved N:P ratios.

A INDÚSTRIA DESTRUTIVA DA PESCA DE KRILL

A maior pescaria de krill do mundo ocorre no Oceano Antártico, onde a espécie é capturada para ser usada em suplementos de saúde (óleo de krill), em ração para animais domésticos e — diante da redução de peixes selvagens e da expansão da aquicultura — como ingrediente em rações para peixes.²⁰

Embora apenas alguns países pesquem krill ativamente na região, a indústria cresceu rapidamente nas últimas duas décadas. A Noruega é, de longe, o país com maior presença pesqueira no Oceano Antártico e, em 2023, foi responsável por 67,2% da captura total. Em seguida vieram a China (17,1%), a Coreia do Sul (8,4%), o Chile (4,4%) e a Ucrânia (2,8%).²¹

A empresa norueguesa Aker BioMarine é responsável pela maior parte da pesca de krill e é um dos principais motores da expansão da indústria.²² A partir de 2024, sua subsidiária, Aker QRILL Company, assumiu a extração e produção de produtos à base de krill.²³

Muitas pessoas levantam preocupações sobre a sustentabilidade futura da pesca de krill, especialmente diante da pressão acumulada das mudanças climáticas. Já foram relatados declínios na abundância de krill, particularmente na região

da Antártica Ocidental, bem como retrações da cobertura de gelo marinho no inverno e quedas nas populações de predadores dependentes do krill.^{26,27}

Anteriormente, um limite de captura preventiva de 620.000 toneladas por ano havia sido definido (ou seja, ao atingir esse limite, a atividade pesqueira em determinada área seria suspensa). No entanto, em 2024, obstruções contínuas durante a reunião anual da CCAMLR levaram à expiração dos limites de dispersão espacial, que distribuíam a pesca em quatro zonas.

A remoção desses limites de dispersão é extremamente prejudicial, pois a fauna do Oceano Antártico se alimenta em áreas específicas, onde evoluiu para visitar zonas de alimentação com necessidades calóricas específicas. Estudos indicam que até mesmo uma extração moderada de krill em áreas que se sobrepõem às zonas de alimentação

pode ter impactos significativos e negativos sobre a vida selvagem.²⁸

O próprio método de pesca de krill é destrutivo e indiscriminado: arrastões industriais utilizam equipamentos modernos de sucção para capturar enormes quantidades de krill em pouco tempo.²⁹ Ao contrário de embarcações pesqueiras tradicionais, esses sistemas operam sem pausas e podem pescar continuamente por longos períodos.³⁰

Pouca ou nenhuma consideração é dada à fauna que se alimenta de krill; cientistas relataram operações de pesca em áreas de forrageamento de pinguins e lobos-marinhos.^{31,32} Esses animais fazem longas viagens de busca por alimento a

Cumprindo o mandato de conservação da CCAMLR

partir de colônias próximas, retornando com leite ou comida para seus filhotes. Quando o krill se torna escasso, filhotes de focas e pinguins sofrem as consequências — muitas vezes morrendo de fome. Já existem evidências de que o arrasto de krill tem causado o declínio de populações de pinguins.³³

Em 2021, a Aker BioMarine relatou três baleias-jubarte juvenis mortas; uma foi registrada em 2022 e outras duas em 2024.^{34,35} Em março de 2025, o navio Antarctic Endeavour, sob bandeira chilena, foi acusado pelos próprios pescadores a bordo de ter capturado e matado uma baleia-jubarte, e uma denúncia criminal foi apresentada contra o proprietário da embarcação.^{36,37}

Essas mortes reportadas pela indústria podem representar apenas uma fração da verdadeira escala da mortalidade de baleias relacionada à pesca de krill.

O crescimento do mercado de produtos à base de krill significa que baleias, pinguins e outras espécies que dependem do krill enfrentam uma concorrência crescente por alimento, movida por uma indústria que beneficia poucos. Quanto mais krill for extraído do Oceano Antártico, mais difícil será a sobrevivência das espécies selvagens.



◀ FOTO © SEA SHEPHERD GLOBAL

20. Mongabay Environmental News. (2022). Fish-feed industry turns to krill, with unknown effects on the Antarctic ecosystem.
21. Daily Maverick, 2025. How the Crucial Antarctic Krill are being doomed by geopolitics and overfishing.
22. Changing Markets (2022). Krill Baby Krill.
23. Daily Maverick, 2025. How the Crucial Antarctic Krill are being doomed by geopolitics and overfishing.
24. Jacquet J, Pauly D, Ainley D, et al. (2010) Seafood stewardship in crisis.
25. Schiermeier, Q. (2010). Ecologists fear Antarctic krill crisis.
26. Atkinson, A., Siegel, V., Pakhomov, E. and Rothery, P. (2004). Long-term decline in krill stock and increase in salps within the Southern Ocean.
27. Trivelpiece, W. Z., Hinke, J. T., Miller, A. K., et al. (2011). Variability in krill biomass links harvesting and climate warming to penguin population changes in Antarctica.
28. NOAA Fisheries. (2020). Antarctic Fishing for Krill, Even at "Precautionary" Levels Still Affects Penguins.
29. Sea Shepherd Global. (2025). The Great Krill Heist: Inside the Machinery Plundering Antarctica.
30. Chonsonbeyond.com. (2021).
31. Huckle-Gaete, Rodrigo & Osman, Layla & Moreno, et al. (2004). Examining natural population growth from near extinction: The case of the Antarctic fur seal at the South Shetlands, Antarctica.
32. Watters, G.M., Hinke, J.T. & Reiss, C.S. (2020). Long-term observations from Antarctica demonstrate that mismatched scales of fisheries management and predator-prey interaction lead to erroneous conclusions about precaution.
33. Kruger, L. Huerta, M.F. Santa Cruz, F. Cardenas, C. (2021) Antarctic krill fishery effects over penguin populations under adverse climate conditions: Implications for the management of fishing practices.
34. Reuters (2022). In Antarctica, does a burgeoning krill fishery threaten wildlife? Reuters.
35. Goodman, J. (2024). Recent whale deaths highlight risks from Antarctica's booming krill fishery.
36. La Prensa Austral (2025). Denuncian a buque arrastrero de Pesca Chile por captura accidental y muerte de ballena jorobada.
37. Sea Shepherd Global. (2025). Antarctic Krill Supertrawler Kills Humpback Whale.

A INFLUÊNCIA DA PESCA DE KRILL SOBRE AS BALEIAS



POR DRA. LUCÍA MORILLO
 Cientista a bordo
 do M/Y Allankay,
 Sea Shepherd Global

▼ FOTO © SEASHEPHERD GLOBAL

OBSERVAÇÕES DA ANTÁRTICA

Pelo terceiro ano consecutivo, a Sea Shepherd lançou a campanha Defesa da Antártica, documentando a pesca de krill no Oceano Antártico. Essa iniciativa oferece a cientistas e à imprensa acesso raro a um dos lugares mais remotos do planeta — a última grande natureza selvagem intocada.

Em abril de 2025, dez superarrastões de krill operavam em uma área concentrada próxima à Península Antártica. Esses navios-fábrica podem permanecer no mar por até 11 meses seguidos, reabastecidos por embarcações de apoio com krill e combustível. O resultado é uma operação de pesca quase ininterrupta.

Após décadas de exploração, as populações de baleias antárticas — incluindo as baleias-francas-austrais, que estiveram à beira da extinção na região — estão lentamente se recuperando. Áreas que permaneceram silenciosas por anos após a caça comercial agora voltam a receber baleias em suas zonas históricas de alimentação. Porém, essa recuperação coincide com a expansão da pesca de krill. Mesmo no vasto Oceano Antártico, as zonas de forrageamento das baleias e as áreas de pesca frequentemente se sobrepõem.

Durante nossa missão de um mês, a maioria das baleias foi observada em áreas onde os navios pesqueiros estavam ativos. Todas as embarcações tiveram interações com baleias — que nadavam ao lado ou à frente dos navios. Mas o que vimos em seguida foi inesperado.

Observamos baleias-jubarte seguindo as redes por horas, mergulhando ao seu redor e exibindo comportamentos que não conseguimos explicar totalmente. Estariam se alimentando nas imediações das redes? Teriam aprendido a associar os navios à presença de alimento?

Essa mudança de comportamento pode ter consequências graves. Estamos testemunhando animais selvagens alterando seus padrões de alimentação em um dos últimos ecossistemas intactos do planeta. Os efeitos de longo prazo ainda são incertos, mas os riscos já são visíveis. Vimos o mesmo indivíduo seguindo o mesmo navio por vários dias — sinal de comportamento aprendido e reforçado.

O Comitê Científico da CCAMLR já expressou preocupação com isso, destacando que os dispositivos atuais de exclusão de mamíferos marinhos não são projetados para baleias-jubarte — a espécie mais frequentemente observada perto das redes. Neste ano, durante nossa campanha nas Ilhas Órcades do Sul, uma jubarte juvenil ficou presa e morreu — um lembrete trágico do perigo que essas interações representam. Mesmo a perda de uma única baleia importa, pois esses gigantes regulam o ciclo de nutrientes e a teia alimentar do Oceano Antártico.

À medida que as baleias retornam e a pesca se intensifica, precisamos fazer perguntas difíceis sobre coexistência e o futuro do ecossistema antártico.

AS BALEIAS ESTÃO VOLTANDO. E NÓS CONTINUAREMOS A DEFENDÊ-LAS.

UM PLANETA SAUDÁVEL DEPENDE DE UM OCEANO ANTÁRTICO SAUDÁVEL



Apesar de sua localização no “fim do mundo”, o Oceano Antártico é fundamental para a regulação climática de todo o planeta. A Corrente Circumpolar Antártica é a mais forte do planeta e desempenha um papel essencial na absorção de calor e dióxido de carbono pelo sistema climático.³⁸

Essa corrente conecta as bacias oceânicas do Pacífico, Atlântico e Índico, possibilitando o fluxo global de água, nutrientes e calor. Ela protege a região contra o aquecimento e contribui para a estabilidade do continente antártico.

No entanto, o derretimento das plataformas de gelo, impulsionado pelas mudanças climáticas, está afetando significativamente a Corrente Circumpolar Antártica. Projeções científicas recentes, com base em cenários de emissões contínuas, indicam que essa corrente pode enfraquecer cerca de 20% até 2050.³⁹ Isso teria consequências extensas, incluindo a redução da capacidade do oceano de absorver calor e carbono — impactos que não se restringiriam às águas antárticas, mas seriam sentidos em todo o planeta.

A Antártica atua também como um importante estabilizador climático por meio da “bomba biológica de carbono” em mar aberto — um processo essencial de sequestro de dióxido de carbono atmosférico em longo prazo. Esse mecanismo armazena carbono nas profundezas do mar por meio do

transporte de matéria orgânica fixada pelo fitoplâncton.⁴⁰ Na Antártica, o krill é um agente-chave nesse processo ecológico, pois sua matéria orgânica afunda rapidamente e influencia fortemente os níveis de carbono no Oceano Antártico durante a estação de crescimento.⁴¹

Esse processo de sequestro de carbono é tão importante que alguns estudos sugerem que, sem ele, haveria

50% mais CO₂ na atmosfera.

Mas para que essa equação funcione, todos os contribuintes para a integridade ecológica devem ser reconhecidos — e o krill não é o único. Evidências históricas revelam que, durante o período da

caça industrial de baleias, o sequestro de carbono pela bomba biológica foi reduzido em mais de 90%.^{42,43,44}

Estudos também indicam que as baleias da Antártica são cruciais na reciclagem de nutrientes, especialmente ferro — o micronutriente limitante no Oceano Antártico.^{45,46} Sua presença favorece a floração de fitoplâncton, alimento do krill.^{47,48} Durante os verões e outonos austrais, diversas espécies de baleias, incluindo azul, fin, sei, jubarte, cachalote, franca-austral e minke, migram para a Antártica para se alimentar de krill e outras presas, liberando micronutrientes prontamente disponíveis por meio de fezes ricas em ferro.⁴⁹

Esse ciclo é vital para a teia alimentar do Oceano Antártico. Após a caça em larga escala das baleias, as populações de krill não aumentaram, mesmo com menos predadores.⁵⁰ Pelo contrário, os números de krill caíram significativamente.⁵¹ Cientistas acreditam que isso pode ter ocorrido devido ao declínio das populações de baleias e à consequente redução na fertilização do Oceano Antártico.⁵²

◀ FOTO © ANDY MANN

38. Sohail, T., Bishakhadatta Gayen and Klocker, A. (2025). Decline of Antarctic circumpolar current due to polar ocean freshening.
39. Sohail, T., Bishakhadatta Gayen and Klocker, A. (2025). Decline of Antarctic circumpolar current due to polar ocean freshening.
40. Ducklow, H., Steinberg, D. and Buesseler, K. (2001). Upper Ocean Carbon Export and the Biological Pump.
41. Cavan, E.L., Mackay, N., Hill, S.L., Atkinson, A., Belcher, A. & Visser, A. (2024). Antarctic krill sequester similar amounts of carbon to key coastal blue carbon habitats.
42. Belcher, A., G.A. Tarling, C. Manno, A. Atkinson, P. Ward, G. Skaret, S. Fielding, S.A. Henson, R. Sanders (2017). The potential role of Antarctic krill faecal pellets in efficient carbon export at the marginal ice zone of the South Orkney

- Islands in spring.
43. Cavan, E., Mackay, N., Hill, S., Atkinson, A., Belcher, A. & Visser, A. (2023). Valuing carbon sequestration by Antarctic krill faecal pellets.
44. Cavan, E.L., Mackay, N., Hill, S.L., Atkinson, A., Belcher, A. & Visser, A. (2024). Antarctic krill sequester similar amounts of carbon to key coastal blue carbon habitats.
45. Smetacek, V., and S. Nicol. 2005. Polar ocean ecosystems in a changing world.
46. Smetacek, V. 2008. Are declining Antarctic krill stocks a result of global warming or of the decimation of the whales?
47. Martin, J.H., Fitzwater, S.E. and Gordon, R.M. (1990). Iron deficiency limits phytoplankton growth in Antarctic waters.
48. Nicol, S., Bowie, A., Jarman, S., Lannuzel, D., Meiners, K.M. and Van Der Merwe, P. (2010). Southern Ocean iron

- fertilization by baleen whales and Antarctic krill.
49. Lavery, T.J., B. Rounew, P. Gill, J. Seymour, L. Seuront, G. Johnson, J.G. Mitchell & V. Smetacek (2010). Iron defecation by sperm whales stimulates carbon export in the Southern Ocean.
50. Sladen, W.J.L. (1964). The distribution of the Adelle and chinstrap penguins. Pp. 359-365.
51. Atkinson, A., Siegel, V., Pakhomov, E. and Rothery, P. (2004). Long-term decline in krill stock and increase in salps within the Southern Ocean.
52. Ratnarajah L, Bowie AR, Lannuzel D, Meiners KM, Nicol S (2014) The Biogeochemical Role of Baleen Whales and Krill in Southern Ocean Nutrient Cycling. 7.

PROTEÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Quase toda a fauna da Antártica depende do krill, que pode fornecer entre 70% e 96% das calorias consumidas por aves marinhas e mamíferos, incluindo pinguins, baleias, focas e lobos-marinhos. Mesmo espécies que não se alimentam diretamente de krill podem consumir presas que dependem dele. Assim, o krill é essencial tanto para a biodiversidade regional quanto para a fauna migratória global.



REGULAÇÃO DO CLIMA

O Oceano Antártico é crucial para a regulação climática global e mitigação das mudanças climáticas, principalmente pela absorção de dióxido de carbono via mistura oceânica regional. O krill também sequestra grandes quantidades de carbono: estima-se que apenas as populações da Península Antártica armazenem cerca de 23 megatoneladas de carbono por ano nas profundezas do oceano, por meio da defecação e da troca de exoesqueletos.



A complexidade e a interconexão do ecossistema significam que perturbações desencadeiam mudanças imprevisíveis e duradouras na cadeia alimentar. Proteger as populações de krill e apoiar as grandes baleias pode aumentar a produtividade geral do Oceano Antártico.^{53,54} E um Oceano

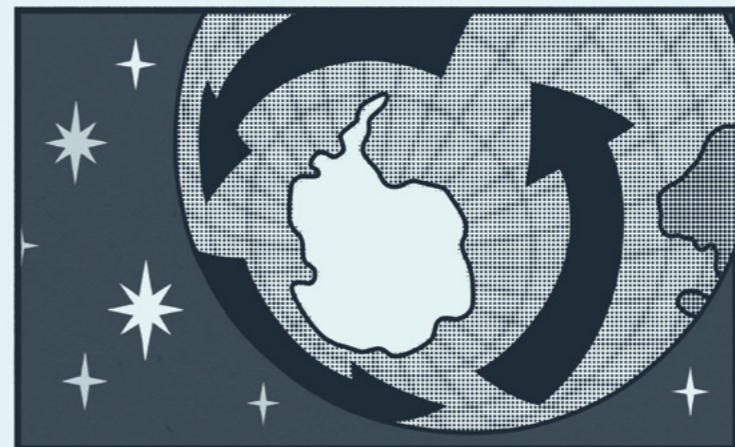
Antártico mais saudável significa um planeta mais saudável.

Os ecossistemas marinhos antárticos são diversos e complexos em suas interações ecológicas. Sua rápida reestruturação, resultante de atividades humanas como a pesca,

pode gerar grandes retroalimentações biogeoquímicas que alteram a produtividade primária e os processos de sequestro de carbono no oceano.^{55,56}

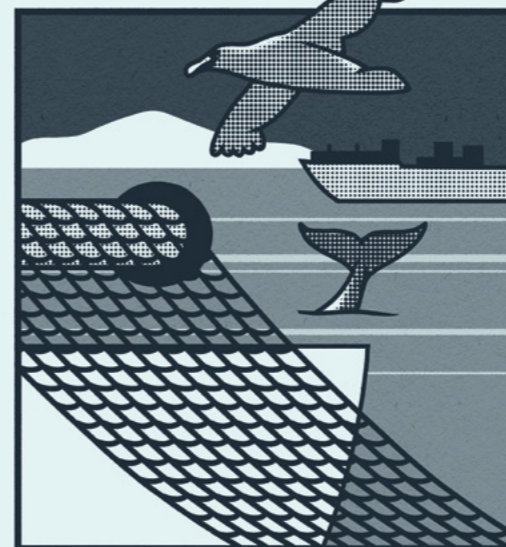
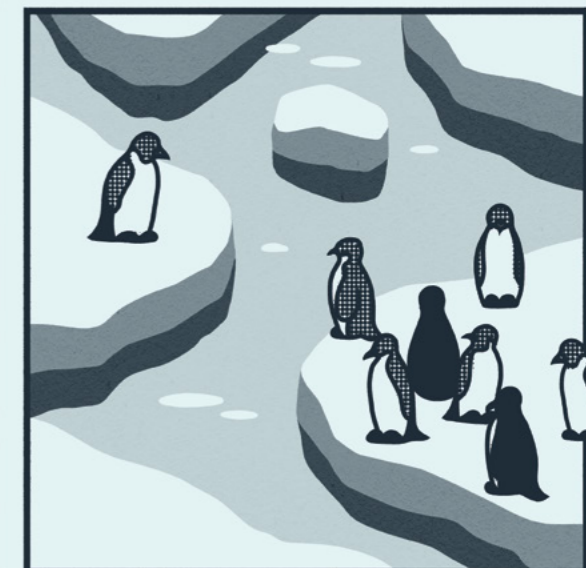
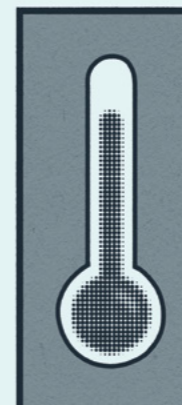
IMPACTOS CLIMÁTICOS GLOBAIS

As mudanças climáticas e a proteção do Oceano Antártico estão intrinsecamente ligadas. Proteger a Antártica ajuda a mitigar os impactos climáticos por meio do sequestro de carbono, da reflexão da radiação solar pelas camadas de gelo e da condução das correntes oceânicas. Por outro lado, as mudanças climáticas têm efeitos extremos sobre a região, provocando o derretimento do gelo, a mistura de águas doces e salgadas e a desestabilização dos ecossistemas.



REGULAÇÃO DAS CORRENTES OCEÂNICAS

As correntes ao redor da Antártica estão entre as mais fortes do mundo e conectam as bacias oceânicas do Pacífico, Atlântico e Índico, possibilitando a movimentação de água, nutrientes e calor globalmente. A água fria e densa impulsiona as correntes oceânicas que regulam o clima do planeta.



AMEAÇAS

Partes da Antártica estão aquecendo mais rápido do que qualquer outra região do planeta, com impactos ambientais devastadores. Ao mesmo tempo, o aumento do turismo, da poluição e da pressão pesqueira está agravando os desafios enfrentados por esse ecossistema já frágil — cujos impactos totais ainda são desconhecidos.

É hora de aliviar a Antártica de ao menos um estressor: a pesca de krill — ao mesmo tempo em que se estabelecem Áreas Marinhas Protegidas

(AMPs) robustas e se permite a recuperação do ecossistema.

▲ ILUSTRAÇÃO © DAVID DORAN

53. Smetacek, V. 2008. Are declining Antarctic krill stocks a result of global warming or of the decimation of the whales? In Impacts of global warming on polar ecosystems.
54. Nicol, S. Bowie, A., Jarman, S. Lannuzel, D., Meiners, K. and Van de Merwe, P. (2010) Southern Ocean iron fertilization by baleen whales and Antarctic krill.
55. Roman, J. and McCarthy, J.J. (2010). The Whale Pump: Marine Mammals Enhance Primary Productivity in a Coastal Basin.
56. Monreal, P.J., Savoca, M.S., Babcock-Adams, L. et al. (2025). Organic ligands in whale excrement support iron availability and reduce copper toxicity to the surface ocean.

DEIXEM NOSSAS BALEIAS EM PAZ!

POR LORD FAKAFANUA **Presidente do Parlamento** **do Reino de Tonga**

Lord Fakafanua é um dedicado defensor da proteção do oceano e da unidade regional do Pacífico. Desde sua eleição ao Parlamento de Tonga em 2009, tem sido uma voz de liderança em temas como resiliência climática e conservação oceânica.

Em Tonga, as baleias são essenciais para nossa cultura. Todos os anos, elas migram da Antártica para escapar do inverno e dar à luz seus filhotes. Séculos atrás, elas guiaram nossos ancestrais em suas canoas de navegação rumo à terra firme. Hoje, continuam a nos inspirar — bem como aos visitantes de todo o mundo que vêm testemunhar esses majestosos animais em suas áreas de reprodução no inverno.

Mas, enquanto Tonga é um refúgio seguro para as baleias, na Antártica, embarcações pesqueiras estão esgotando as fontes de alimento que mantêm vivas as baleias — e boa parte da vida no Oceano Antártico. E fazem isso em ritmo alarmante, retirando krill das bocas das baleias do mundo para beneficiar apenas alguns poucos. Os efeitos dessa prática são devastadores.

A CCAMLR está falhando em proteger o Oceano Antártico dessa exploração. Especialmente diante da crise climática, a inação da CCAMLR e de seus membros é insustentável e injusta. Não temos tempo a perder.

O Pacífico Sul pode estar longe da Antártica, mas o que acontece lá nos afeta a todos. Faço aqui um apelo pelo fechamento total da pesca no Oceano Antártico — pelas nossas baleias, e pelo nosso planeta.

MONITORAMENTO DAS BALEIAS

Este mapa ilustra as rotas migratórias das baleias durante os meses de verão, destacando os destinos para onde viajam após deixarem as águas geladas da Antártica.

ÁFRICA

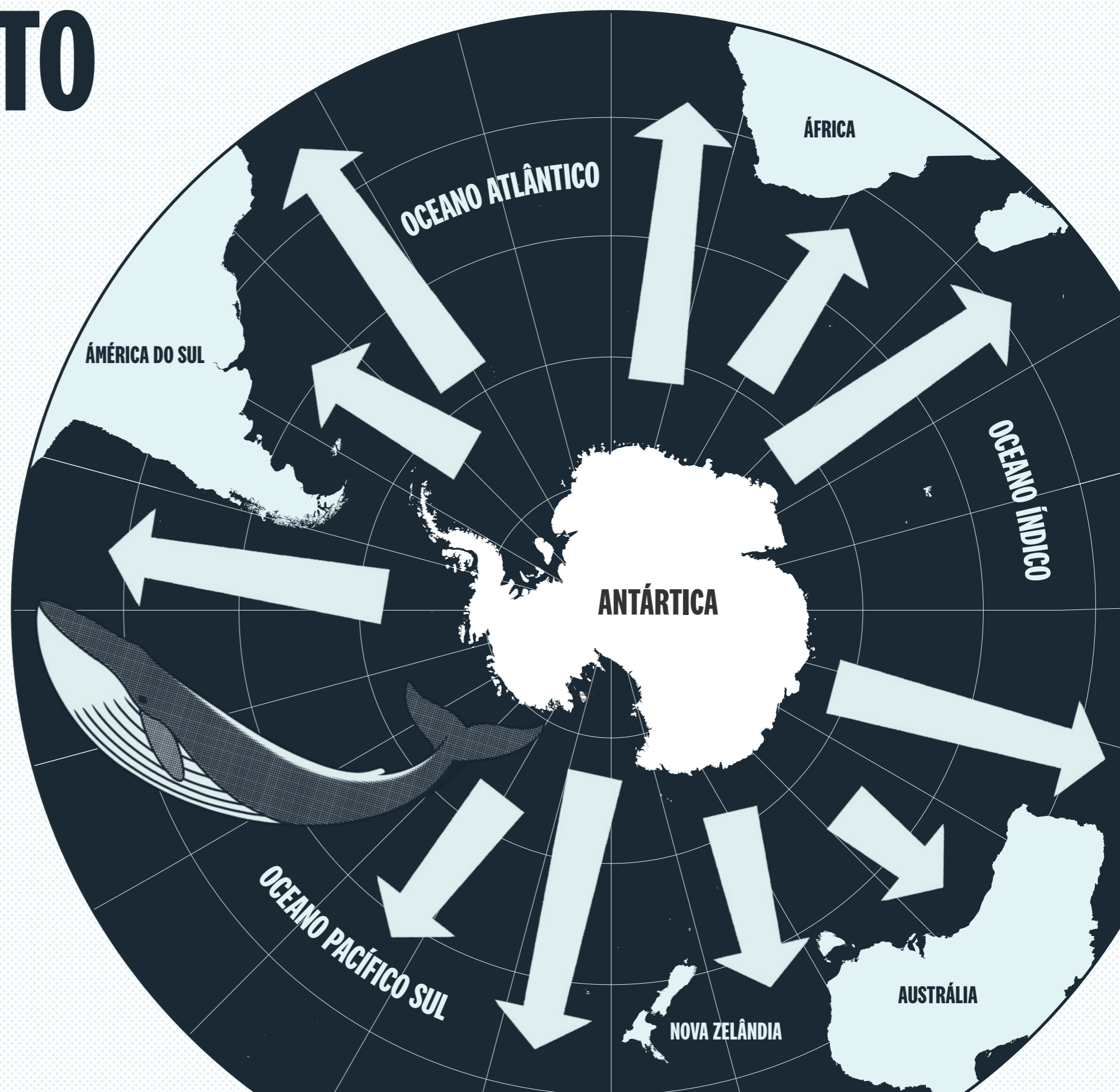
- **Angola, Congo, República Democrática do Congo, Gabão e Namíbia:** Jubarte
- **Quênia, Moçambique e Tanzânia:** Jubarte
- **Madagascar:** Jubarte e Azul
- **Maurício:** Jubarte
- **Seychelles:** Jubarte
- **África do Sul:** Azul, Jubarte e Franca-austral

AMÉRICA CENTRAL E LATINA

- **Argentina e Uruguai:** Franca-austral
- **Brasil:** Jubarte
- **Chile:** Azul, Jubarte e Fin
- **Colômbia, Costa Rica, Equador, Panamá e Peru:** Jubarte

OCEANIA

- **Austrália:** Jubarte, Azul e Franca-austral
- **Indonésia:** Jubarte e Azul
- **Nova Zelândia:** Jubarte, Azul e Franca-austral
- **Ilhas do Pacífico:** Fin, Minke, Jubarte e Franca-austral
 - Samoa Americana
 - Ilhas Cook
 - Fiji
 - Polinésia Francesa
 - Nova Caledônia
 - Niue
 - Pitcairn
 - Samoa
 - Tonga
 - Vanuatu



O MANDATO DA CCAMLR PARA A CONSERVAÇÃO DO OCEANO ANTÁRTICO

A CCAMLR foi criada em 1982 em resposta à rápida expansão da pesca de krill e às preocupações de que os erros cometidos com a exploração da vida selvagem antártica no passado pudessem se repetir. O Artigo II da Convenção afirma que “o objetivo desta Convenção é a conservação dos recursos marinhos vivos da Antártica”. Assim, seu principal objetivo é proteger a fauna e a flora marinhas do continente antártico.



▲ FOTO @ MAX BELLO

▼ FOTO @ MAX BELLO



As decisões sobre temas substanciais, incluindo o estabelecimento de Áreas Marinhas Protegidas (AMPs), requerem o consenso dos 27 países membros da CCAMLR. Isso impacta diretamente os resultados da Convenção em relação ao seu mandato de conservação e é um ponto de tensão em sua governança.⁵⁷

Em 2002, a CCAMLR se comprometeu a estabelecer uma rede representativa de AMPs.⁵⁸ A área da Convenção foi dividida em nove domínios para garantir a representatividade de espécies e ambientes.⁵⁹ Apesar desse compromisso firmado há mais de 20 anos, apenas duas AMPs foram estabelecidas por consenso: a AMP da Plataforma Meridional das Ilhas Órcades do Sul, em 2009 (com 94.000 km²), e a AMP do Mar de Ross, em 2016 (com 2,09 milhões de km²). Embora essas áreas tenham representado passos importantes, não houve avanço significativo desde então.

A Parceria de Pesquisa do Oceano Antártico (Southern Ocean Research Partnership, SORP) foi criada em 2009 pela Comissão Internacional da Baleia (International Whaling Commission, IWC) como uma abordagem colaborativa para a pesquisa sobre cetáceos nas águas antárticas e subantárticas. O objetivo é maximizar os resultados voltados à conservação, entendendo o estado das populações após a exploração comercial, sua saúde, dinâmicas e vínculos ambientais, além das ameaças que enfrentam. Junto com a CCAMLR, esse programa une 12 países-membros em uma importante iniciativa multilateral de pesquisa.

57. Goldsworthy, L. (2022). Consensus decision-making in CCAMLR: Achilles' heel or fundamental to its success?

58. ACE-CRC and WWF Australia. (2006). Bioregionalisation of the Southern Ocean: Report of Experts Workshop.

59. Boothroyd et al., 2024.

A CCAMLR ESTÁ CUMPRINDO SEU MANDATO?

▼ FOTO © SEA SHEPHERD GLOBAL



Entre os principais marcos dos mais de 40 anos de história da Convenção estão o estabelecimento das duas AMPs e iniciativas para combater a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada. No entanto, nos últimos anos, embora algumas medidas de gestão pesqueira tenham sido adotadas, a implementação efetiva do mandato de conservação tem sido amplamente questionada.⁶⁰

Avaliações de desempenho realizadas pela própria organização indicam que a permissividade na exploração dos recursos marinhos antárticos — especialmente o krill — e a falta de medidas de conservação eficazes enfraqueceram a capacidade da CCAMLR de cumprir seu mandato.⁶¹

Como demonstrado, o krill é um componente fundamental da rede trófica do ecossistema antártico. Regiões como a Península Antártica são refúgios importantes para a espécie, mas estão sob crescente pressão da mudança climática e da pesca. Ainda assim, a pesca de krill nessas áreas aumentou, movendo-se ainda mais ao sul à medida que o gelo marinho recua.

A implementação da Abordagem de Gestão da Pesca de Krill (Krill Fishery Management Approach, KFMA) pela CCAMLR — que visa distribuir limites de captura de forma preventiva no tempo e no espaço — falhou em conter essa expansão.

Continued krill extraction in critical areas undermines the resilience of

the ecosystem and fails to uphold the conservation mandate outlined in Article II.

A extração contínua de krill em áreas críticas enfraquece a resiliência do ecossistema e viola o mandato de conservação estabelecido no Artigo II da Convenção. A pesca extrativa de krill continua ocorrendo sem uma estrutura de proteção robusta, sem medidas de conservação eficazes e sem uma estratégia clara para a gestão sustentável da espécie e de seus predadores dependentes.

A desestabilização da rede trófica por meio da redução das populações de krill também afeta as baleias — muitas das quais migram para reprodução a partir da Antártica para países onde têm importância cultural e econômica, como Tonga⁶² — incluindo espécies que estão em recuperação, como as baleias-jubarte e as baleias-fin.^{63,64} Para que a CCAMLR cumpra seu mandato de conservação, ela precisa agir com urgência para proteger o krill e seus habitats.

60. Goldsworthy, L. (2022). Consensus decision-making in CCAMLR: Achilles' heel or fundamental to its success? CCAMLR Performance Review Panel ed., (2017). Second Performance Review of CCAMLR – Final Report of the Panel.

61. Robbins, J., Dalla Rosa, L., Allen, J., Mattila, D., Secchi, E., Friedlaender, A., Stevick, P., Nowacek, D. and Steele, D. (2011). Return movement of a humpback whale between the Antarctic Peninsula and American Samoa: a seasonal

migration record. *Endangered Species Research*, 13(2), pp.117–121.

63. Herr, H., Viquerat, S., Devas, F. et al. (2022). Return of large fin whale feeding aggregations to historical whaling grounds in the Southern Ocean. *Sci Rep* 12, 9458 (2022).

64. Savoca, M.S., Kumar, M., Sylvester, Z. et al. (2024). Whale recovery and the emerging human-wildlife conflict over Antarctic krill.

PROPOSTA DE AMP DA PENÍNSULA ANTÁRTICA (DOMÍNIO 1)

A proposta de AMP para o Domínio 1 abrange a Península Antártica Ocidental e o Arco do Sul da Escócia. A proposta está em desenvolvimento desde 2012 e foi formalmente apresentada pela Argentina e pelo Chile em 2017. A região é particularmente vulnerável às mudanças climáticas e concentra altos níveis de atividades humanas, como pesca, turismo e programas científicos. É também um habitat-chave para o krill, peixes, aves marinhas e mamíferos marinhos da Antártica.

Além disso, o Domínio 1 se sobrepõe à Área Importante para Mamíferos Marinhos (Important Marine Mammals Area, IMMA) da Península Antártica Ocidental e Ilhas, identificada por especialistas da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) como sendo crítica para espécies como a baleia-minke antártica, orcas, lobos-marinhos antárticos e o elefante-marinho do sul.

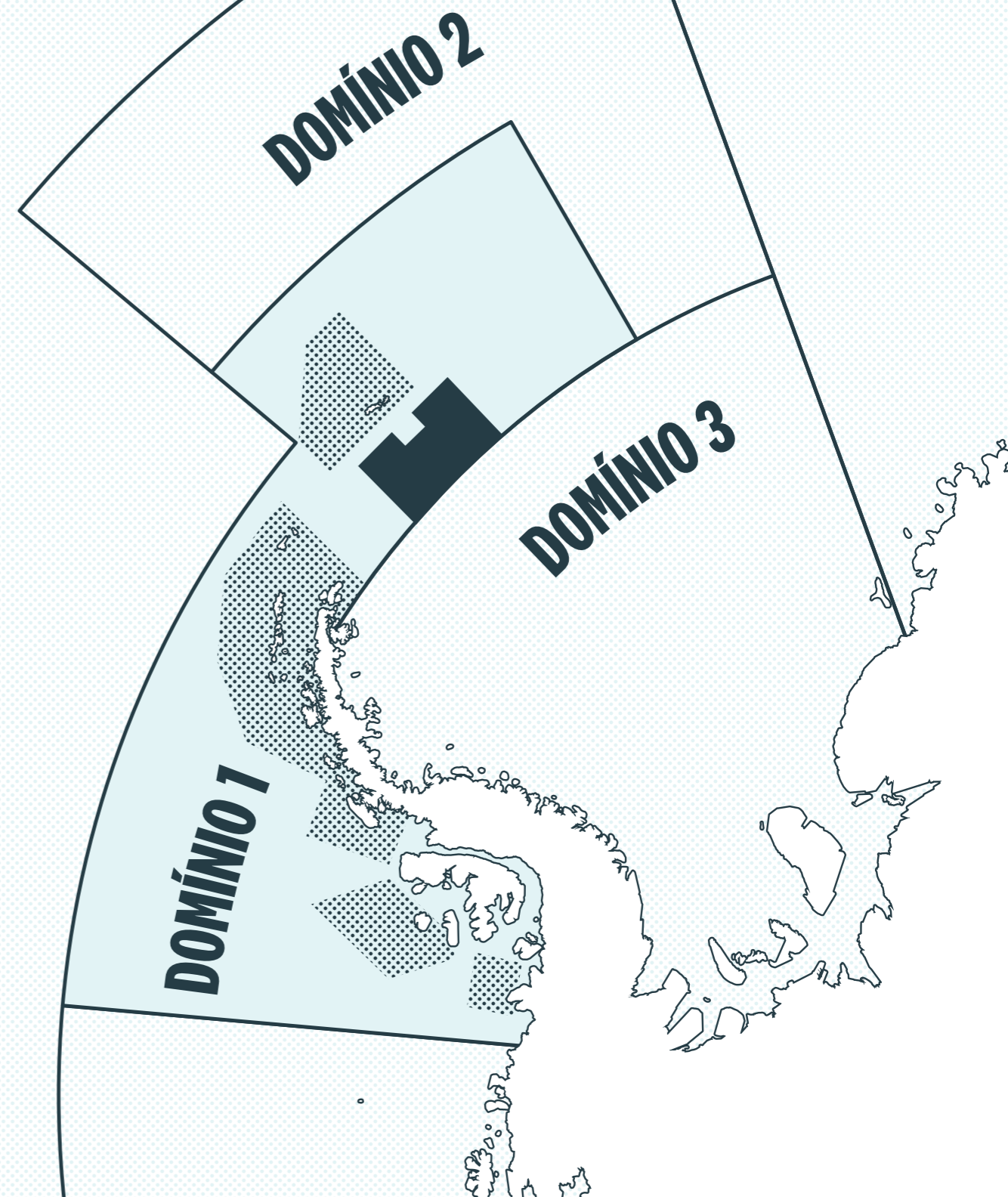
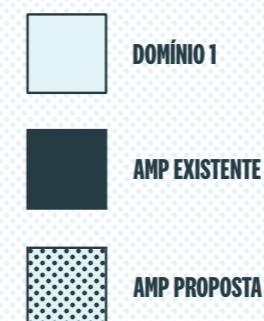
A China levantou preocupações científicas sobre a proposta, e desde 2017 ela passou por revisões significativas para atender a essas e

outras objeções. Apesar de uma reunião trilateral entre Argentina, Chile e China em 2022, de uma reunião extraordinária em 2023 dedicada exclusivamente a essa AMP, e de um simpósio de harmonização realizado na Coreia em 2024, a proposta foi novamente bloqueada por China e Rússia durante a reunião anual da CCAMLR em 2024.

Esse bloqueio ocorreu apesar de a proposta apresentar os fundamentos científicos, técnicos e políticos mais robustos até então — e ter sido flexibilizada em suas exigências.⁶⁵

Os países com frotas de pesca de krill demonstraram que não estão motivados a buscar uma solução de conservação de longo prazo para a Península Antártica e hesitam em adotar qualquer medida que possa afetar os lucros da indústria do krill.

65. Sylvester, Z.T. and Brooks, C.M. (2020). Protecting Antarctica through Co-production of actionable science: Lessons from the CCAMLR marine protected area process.





▲ FOTO ©SEA SHEPHERD GLOBAL

UM IMPASSE NA CCAMLR

Desde o estabelecimento da AMP do Mar de Ross, em 2016, nenhuma outra proposta de AMP avançou. Isso se deve, principalmente, às objeções da China e da Rússia — e, em alguns momentos, também da Noruega e da Coreia do Sul. China e Rússia bloquearam formalmente o consenso sobre novas propostas de AMPs nas reuniões de 2022, 2023 e 2024.

Na reunião da CCAMLR de 2024, a China, com apoio da Rússia, usou seu direito de veto para impedir a renovação de um acordo que restringia a pesca de krill e bloqueou também a criação de quatro novas AMPs.⁶⁶ Como resultado, nenhum limite de dispersão da pesca de krill está atualmente em vigor, permitindo que toda a cota de pesca se concentre em pequenas regiões ecologicamente críticas.

LINHA DO TEMPO: 15 ANOS DE NEGOCIAÇÕES SOBRE AMPs NA CCAMLR

2010	AMP da Região do Mar de Ross ^a .	Sem consenso
2011	AMP da Antártica Oriental ^b . AMP do Mar de Ross ^c .	Sem consenso Sem consenso
2012	AMP do Mar de Ross ^d .	Sem consenso
2013	AMP do Mar de Ross ^e .	Sem consenso
2014	AMP do Mar de Ross AMP da Antártica Oriental ^f .	Sem consenso
2015	AMP do Mar de Ross AMP da Antártica Oriental AMP do Mar de Weddell	Sem consenso Sem consenso Sem consenso
2016	AMP do Mar de Ross	Consenso alcançado
2017	AMP da Antártica Oriental AMP da Península Antártica ^g .	Sem consenso
2018	AMP do Mar de Weddell AMP da Antártica Oriental AMP da Península Antártica ^h .	Sem consenso Sem consenso Sem consenso
2019	AMP do Mar de Weddell AMP da Península Antártica ⁱ .	Sem consenso Sem consenso
2020	AMP da Antártica Oriental AMP do Mar de Weddell Antarctic Peninsula MPA proposal	Sem consenso Sem consenso Sem consenso
2021	AMP da Antártica Oriental AMP do Mar de Weddell AMP da Península Antártica	Sem consenso Sem consenso Sem consenso
2022	AMP da Antártica Oriental AMP do Mar de Weddell AMP da Península Antártica	Sem consenso Sem consenso Sem consenso
2023	East Antarctica MPA proposal Weddell Sea MPA proposal Antarctic Peninsula MPA proposal	Sem consenso Sem consenso Sem consenso
2024	AMP da Península Antártica	Sem consenso

66. Readfearn, G. (2024). "Very bad precedent": China and Russia team up to undermine krill fishing restrictions in Antarctica.

a. Proposed by the USA1
 b. Proposed by Australia, France, and the EU, initially covering 1.9 million km²
 c. Proposed separately by New Zealand and the USA
 d. Jointly proposed by New Zealand and the USA
 e. A revised proposal was resubmitted by New Zealand and the USA
 f. Proposal was revised, reducing it to 1 million km²
 g. Preliminary proposal submitted by Argentina and Chile
 h. Submitted by Argentina and Chile
 i. Revised proposal submitted by Argentina and Chile

SEM CONSENSO

REPOSICIONANDO A CCAMLR NO CAMINHO CERTO

A CCAMLR já foi um exemplo de liderança na conservação do oceano.⁶⁷ É hora de restabelecer a responsabilidade dentro da CCAMLR para que cumpra seu mandato de conservação.

A Convenção deve basear suas decisões nas melhores evidências científicas disponíveis e em uma abordagem ecossistêmica.

Diante das crescentes evidências do declínio das populações de fauna antártica, está claro que a CCAMLR está falhando em implementar seu mandato de conservação: o fim da pesca de krill na Antártica é necessário para garantir a integridade do ecossistema.

Uma ação proativa permitiria a recuperação das populações de krill, aliviando o estresse causado pela pesca, que é agravado pelas mudanças climáticas. Isso não apenas ajudaria a estabilizar o ecossistema do Oceano Antártico, mas também aumentaria sua capacidade de sequestrar carbono. Os efeitos da extração maciça de krill

no Oceano Antártico ainda não são plenamente compreendidos.

Por isso, a combinação entre a ameaça da pesca e a fragilidade do ecossistema diante das mudanças climáticas exige uma proteção muito mais robusta do que a CCAMLR tem fornecido.⁶⁸



Uma das fraquezas mais graves da governança da CCAMLR é sua falta de consideração sobre a restauração das populações de baleias aos níveis anteriores à caça industrial e os impactos cumulativos das mudanças climáticas sobre as populações de krill.^{69,70}

A falta de progresso dentro da CCAMLR contrasta com desenvolvimentos internacionais importantes ocorridos no mesmo período, como a adoção do Acordo de Paris sobre o Clima (2015), o Acordo da OMC sobre Subsídios



à Pesca (2022), o Marco Global de Biodiversidade de Kunming-Montreal (2022) e o Tratado do Alto-Mar / Acordo BBNJ (2023). Esses avanços destacam o descompasso da CCAMLR com o impulso multilateral global.

O estabelecimento de uma rede representativa de Áreas Marinhas Protegidas (AMPs) alinharia a CCAMLR à ambição internacional e contribuiria para as metas globais de clima e biodiversidade.

Um ponto crítico dentro da Convenção da CCAMLR é que decisões sobre questões substantivas devem ser tomadas por consenso⁷¹ — o que, na prática, concede a cada membro o poder de veto, tornando o sistema rígido e frequentemente incapaz de responder às urgências da conservação.

O veto, exercido por alguns membros sem justificativa científica

FOTO © MAX BELLO

67. Constable, A. (2000). Managing fisheries to conserve the Antarctic marine ecosystem: practical implementation of the Convention on the Conservation of Antarctic Marine Living Resources (CCAMLR).

68. Sylvester, Z.T. and Brooks, C.M. (2020). Protecting Antarctica through Co-production of actionable science: Lessons from the CCAMLR marine protected area process.

69. Changing Markets (2022). Krill Baby Krill.

consenso no passado. Esses avanços só foram possíveis graças ao compromisso dos Estados Membros com os objetivos da Convenção. Esse compromisso agora precisa ser renovado e fortalecido para garantir a eficácia da CCAMLR no futuro, em alinhamento com os compromissos ambientais globais já existentes.

A Antártica e suas águas ao redor exercem uma influência ambiental imensa sobre o planeta — sua conservação é responsabilidade coletiva dos Estados Membros.

CCAMLR já foi considerada uma líder inovadora na conservação marinha; é hora de retomar essa liderança e proteger um dos últimos ecossistemas realmente selvagens do mundo.

ou limitação formal, tem impedido o progresso e enfraquecido a governança da CCAMLR.

Enquanto os países que defendem medidas de conservação precisam financiar pesquisas e apresentar propostas detalhadas, aqueles que se opõem podem simplesmente bloquear o avanço por razões políticas.

A CCAMLR precisa de uma revisão abrangente para desenvolver ações concretas que permitam à Convenção implementar seu mandato de conservação. Isso pode incluir uma reforma de seu processo decisório — o que pode levar vários anos — mas é fundamental revitalizar as ações da CCAMLR em conformidade com seus objetivos fundadores, adotados por consenso.

A CCAMLR já demonstrou ser capaz de alcançar acordos significativos por

70. Savoca, M.S., Kumar, M., Sylvester, Z. et al. (2024). Whale recovery and the emerging human-wildlife conflict over Antarctic krill.

71. CCAMLR (2024). CAMLR Convention text | CCAMLR.

AÇÃO

A necessidade de uma proteção ambiciosa da Antártica atingiu um nível existencial. A região antártica está aquecendo mais rapidamente do que qualquer outro lugar do planeta, e a saúde de seu ecossistema tem consequências de longo alcance, afetando a regulação climática global e as correntes oceânicas mundiais.

Não apenas as espécies que habitam o Oceano Antártico dependem da integridade de seu ecossistema, mas também a vida selvagem que migra centenas de milhares de quilômetros de e para a região.

O krill é uma parte fundamental do Oceano Antártico, e essa espécie precisa

ser protegida para evitar o colapso de uma das últimas fronteiras naturais ainda intocadas do planeta.

Para garantir a integridade do ecossistema antártico e a saúde do nosso planeta, a comunidade internacional deve:

01

FECHAR O OCEANO ANTÁRTICO À PESCA DE KRILL

para proteger a vida selvagem da Antártica, salvaguardar os ecossistemas e a estabilidade climática global;

02

ESTABELEECER A ÁREA MARINHA PROTEGIDA (AMP) DA PENÍNSULA ANTÁRTICA

proibindo a pesca de krill em seu interior, como um primeiro passo mínimo em direção a uma rede representativa de AMPs no Oceano Antártico;

03

REFORMAR A CCAMLR

para assegurar a implementação de seu mandato de conservação para proteger a vida selvagem antártica;

04

GARANTIR A PROTEÇÃO DE PELO MENOS 30% DAS ÁGUAS DA ANTÁRTICA

como uma contribuição essencial dos países-membros da CCAMLR para a meta 30x30 do Marco Global de Biodiversidade de Kunming-Montreal.



Este relatório e suas recomendações contam com o apoio das seguintes pessoas e organizações:

SENADOR ALFONSO DE URRESTI
Chile

ALISON WOOD
Whale and Dolphin Conservation

ANDREW FORREST
Minderoo Foundation

ANDY MANN
Fotógrafo da National Geographic

ANNA MOSCROP
Whale and Dolphin Conservation

BENEDICT CUMBERBATCH
Ator

BEN GOLDSMITH
Conservation Collective

BIANCA CISTERNINO
Whale and Dolphin Conservation

BOB BROWN FOUNDATION

CALLUM ROBERTS
Universidade de Exeter

CAROLINA CASSANI
Fundación Cethus

CAROLINA MANHUSEN SCHWAB
One Ocean Planet Foundation

CRISTINA MITTERMEIER
Sea Legacy

DAN CROCKETT
Blue Marine Foundation

DANIEL CACERES BARTRA
Sustainable Ocean Alliance

DANNY FAURE
Ex-presidente das Seychelles

DAVID MALER
Ator & Diretor

DENISSE SOTOMAYOR
Cineasta

DOMINIQUE LESSER
One Ocean Planet

ED GOODALL
Whale and Dolphin Conservation

ELIANA ZUAZQUITA
Fundación Cethus

EMANUEL GONÇALVES
Fundação Oceano Azul

EMMA EASTCOTT
Whale and Dolphin Conservation

ERIC HOYT
Whale and Dolphin Conservation

FRANCISCO REYES MORANDÉ
ator

FRANCK GAZZOLA
Creative Frame of Mind

FRIDA LARA-LIZARDI
Orgcas

GEOFF GREEN
Students on Ice Foundation

GLOBAL ALLIANCE FOR THE RIGHTS OF NATURE

GUILLERMO ORTUÑO CRESPO
Grupo de Especialistas em Alto Mar da IUCN WCPA

GREG LONG
Surfista Profissional

JACK LIGHTON
4Ocean Foundation

JAMES BLUNT
Músico

JOACHIM CLAUDET
Centre National de la Recherche Scientifique

JORDY CHAN
Ministro de Obras Públicas, Equipamentos e Transporte Aéreo, Terrestre e Marítimo da Polinésia Francesa

JULIO CHAMORRO SOLIS
Presidente do Conselho Marinho das Ilhas Juan Fernández e Desventuradas

KATIE HUNTER
Whale and Dolphin Conservation

KLEBBER TOLEDO
Ator

LEILA RICHTER
Fundación Cethus

LEO PRIETO
Lemu

LORD FAKAFANUA
Presidente do Parlamento do Reino de Tonga

LUKE MCMILLAN
Whale and Dolphin Conservation

MAÏSSA RABABY
Only One

MARCELO MENA
Ex-ministro do Meio Ambiente do Chile

MARIE-CELINE PIEDNOIR
Positive Ripple Consulting

MARK DALIO
OceanX

MARTINA SASSO
Por el Mar

MICHAEL FISHBACH
Whale Guardians Program

MIGUEL IÑIGUEZ
Fundación Cethus & Whale and Dolphin Conservation

MIKE LONG
A New Earth Project

MILCIADES CONCEPCION
Ex-ministro do Meio Ambiente do Panamá

MINDEROO FOUNDATION

MONICA MEDINA
Ex-enviada da Casa Branca (EUA)

MONICA NAVARRO MORALES
Estrategista e consultora de sustentabilidade

NASHLA BOGAERT
Atriz e Modelo

OLIVIA MANDLE NAVARRO
Ativista e Autora

PAUL NICKLEN
Sea Legacy

RASHID SUMAILA
Professor de Economia do Oceano e Pesca

RICARDO LAGOS
Senador do Chile

ROB LOTT
Whale and Dolphin Conservation

ROBERTA BOSU
Antarctic Rights

ROBERTO KLABIN
Ambientalista e fundador do Caiman e SOS Pantanal

RODRIGO MUNDACA
Governador da Região de Valparaíso, Chile

ROMINA BOTTAZZI
Bottazzi Whale Watch Patagonia

RYAN ORGERA
Accountability.Fish

SAM KRETCHMAR
Cineasta

SANDRA BESSUDO
Fundación Malpelo y Otros Ecosistemas Marinos

SCOTT PORTELLI
Fotógrafo profissional de natureza

SCOTT WILSON
Cineasta e fotógrafo de conservação

SEA SHEPHERD GLOBAL

SEA SHEPHERD BRASIL

SEA SHEPHERD FRANCE

SHAWN HEINRICH
fotógrafo de vida selvagem

SHEILA RAHA SARHANGI
Pacific Islands Heritage Coalition

SOFIA BLOUNT
Campaigner

SOLOMON PILI KAHO'OHALAHALA
Maui Nui Makai Network

SOPHIE HUNTER
Artista e Ativista

SYLVIA EARLE
Mission Blue

TERESA RIBERA
Vice-Presidente Executiva da Comissão Europeia para uma Transição Limpa, Justa e Competitiva

TESSA HEMPSON
Mission Blue

TIAGO PITTA E CUNHA
Fundação Oceano Azul

TITOUAN BERNICOT
Explorador da National Geographic

TONY WORBY
Second Breath

TORSTEN THIELE
Global Ocean Trust

TREVOR BACON
Moore Charitable Trust

VANESA TOSSENBERGER
Fundacion Cethus

VICTOR BAHAMONDE
Chefe de gabinete da Região de Valparaíso, Chile

WILL BOLSOVER
Natural World Safaris

ZAC GOLDSMITH
Ex-ministro do Meio Ambiente e do Escritório de Relações Exteriores do Reino Unido



O DESTINO DA ANTÁRTICA E DO NOSSO MUNDO ESTÁ POR UM FIO. EXPLORADORES IMPIEDOSOS APERTAM SEU CERCO, AMEAÇANDO NOSSO OCEANO E A VIDA QUE HÁ NELE. MAS NÓS VEMOS O PERIGO E NÃO VAMOS DESVIAR O OLHAR. AS FORÇAS DO BEM SE ERGUERÃO A TEMPO, OU A ÚLTIMA BALEIA CANTARÁ SEU CANTO FINAL?

Nossa Antártica mobilizou um grupo de cientistas, líderes oceânicos, fotógrafos de vida selvagem, tomadores de decisão em políticas públicas e outras pessoas de alta ambição, em uma voz unida dos Defensores da Antártica, clamando pela proteção de uma das últimas regiões selvagens do planeta: o Oceano Antártico.

WWW.OUR-ANTARCTICA.COM